



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

9 de Maio de 2009 • Ano LXVI • N.º 1700
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



DIA DA MÃE

Padre João

QUANDO O GAIATO chegar às mãos dos seus leitores já o dia 3 de Maio — Dia da Mãe — terá passado. Por se tratar de quem é — da Mãe — a reflexão permanece sempre intemporal.

Numa das Casas do Gaiato por onde passei, era frequente observar as crianças com os bolsos das calças «abarrota»... berlindes, carritos, chaves, rebuçados... entre outras coisas: um «mini-mercado» ambulante! Quando, por «dois dedos de conversa», os interpelava, a minha pergunta pelo «recheio» era simplesmente uma espécie de password para aceder ao mundo mais vasto da sua intimidade, do seu coração.

Recordo-me que num desses encontros inesquecíveis uma das crianças quis mostrar o seu «baú...» Fê-lo de forma tão singela — como só as crianças ainda não molestadas pela desconfiança dos adultos — são capazes. O bolso foi-se esvaziando até que a certa altura dei-me conta de alguma atrapalhação... Havia algo escondido que parecia muito precioso e íntimo e que ali guardava: «Alguma moeda ou a chave da gaiola dos seus passaritos» — pensei comigo. Apercebendo-se mais da minha curiosidade, mete novamente a mão ao bolso e tira uma foto: «trago aqui a minha mãe!...»

Como reagiras diante deste quadro tão cheio de ternura, tão humano?! Apoderou-se de mim um sentimento contraditório; compaixão e revolta: «o ninho aos passarinhos!...» A criança à família!... E, se esta não for capaz nem competente, mude-se de ninho, com cuidado que pode enjeitar! Trate-se de arranjar quem substitua de forma inequivocamente maternal e paternal. Uma criança não é uma «coisa» mas um sujeito de direitos e o mais imediato e precioso é a família.

Bem escreveu o nosso poeta, com letras de ouro e de sangue: «o melhor do mundo são as crianças». Mas que será delas sem pai e mãe capaz ou educadores dispostos ao dom de si mesmos; de afectos seguros, de autoridade educativa permeabilizada pela firmeza e pela ternura?! Não há educação sem amor! No fundo daquele bolso: «trago a minha mãe...» Reconduzir a criança a este reencontro: é uma exigência da natureza, um direito da criança, uma obrigação dos adultos; também um segredo para uma educação com êxito. □

SETÚBAL

Padre Júlio

Alegria da colheita

AS nossas searas estão loiras. Então, os rapazes do campo, ajudados pelos que no momento estão disponíveis, vão com as máquinas agrícolas ceifar, carregar e ensilar o fruto do trabalho e dádiva da natureza, para que o seu ciclo não se interrompa, e toda a Comunidade tenha o pão de cada dia.

Os que somos oriundos da cidade, que é hoje a maioria da população, não temos a ligação afectiva ao campo e à natureza, e a relação estabelecida com ela é pouco mais que utilitarista.

A função maternal da natureza, de onde se nasce, de quem se recebe o alimento, e onde se repousa, não entra na vida das pessoas, perdendo-se um factor fundamental de referência da vida, orientador e causa de equilíbrio emocional e afectivo.

Como faz falta esta energia natural, para a qual se procuram compensações nos campos psicológicos humanos, como se estes fossem puros sistemas mecânicos!

Pobre fica o homem, desvirtuada fica a natureza.

A alegria da colheita, do alimento e do descanso, perde-se em actividades calculistas dos ganhos e despesas, fazendo-se não já uma actividade económica, onde o homem tem lugar, mas uma actividade de manuseamento de materiais, de que o homem é escravo.

Tenho alguma saudade de uma maior pureza de vida. Saudade que me veio à consciência ao

saber de um dos nossos, mais velho, tão metucioso em reconstruir os caminhos por onde Pai Américo passou. Uma devoção carregada de afectividade, qual povo lançando as capas e os ramos de palmeira no chão por onde o Divino Mestre passava.

Falta-nos esta ligação afectiva à mãe natureza, àqueles que nela foram gerados, àqueles que por ela caminham e aos que já nela descansam.

As searas estão loiras, e os ceifeiros, chegado o tempo, vão ceifá-las. Saibamos alegrar-nos com esta força da natureza, darmos-lhe o tempo que lhe pertence, e assim aguardarmos que se cumpra: «Tudo é vosso, vós sois de Cristo, Cristo é de Deus». □

PENSAMENTO

Pai Américo

Estas coisas humanas e piedosas deviam ser levadas à Assembleia dos Grandes, como contra-veneno das técnicas e das especialidades e dos sábios do mundo. (...) Ora a verdade é que ele apraz à Sabedoria de Deus salvar os homens pela simplicidade do Evangelho, servindo-se para isso de pessoas «idiotas». Porque, naquele tempo, «os judeus pediam milagres e os gregos ciência» e hoje os senhores doutores querem ver doutores nestas Obras. Cuidam que são Grémios! É a confusão de sempre. □

NOTAS DO TEMPO

Padre Carlos

• ...DO TEMPO e do lugar. Em Benguela há quinze dias, aconteceu-me uma experiência de cuja negativa eu me gabei ao longo de quarenta e nove anos de vindas a África: o paludismo. Fico a saber que não há imunidade para ninguém. E mais: que até a picadela do mosquito pode ter sido há muito e só agora, em condições propícias do clima e da debilidade que os anos nos provocam, ela se manifestou. Não é lição muito simpática de receber, mas é lição! Enquanto nas sociedades dos homens se multiplicam vírus de enfermidade, a Natureza revela-se determinada, perseverante; e, se calhar, generosa no alerta de que, com o aquecimento global, não vá o bichinho migrar e visitar em outras latitudes. Demorará gerações...! Mas em todas elas surgem males «novos» que surpreendem o Homem e o fazem perguntar-se: — Mas antes, não havia isto?!

A verdade é que pouco tenho visto e feito; mas o suficiente para perceber que a vida na Casa corre

normalmente com o casal Teresa-Zé Luís na função paternal e na de capelão.

Aí em Portugal, sem paludismo por enquanto, que Padre Manuel António recobre forças para o que Deus ainda lhe reserva por cá.

• AMANHÃ, em Roma, será canonizado D. Nuno Álvares Pereira. A menos de um mês quando daí vim, não me apercebi de movimentações que chamassem a atenção ou promovessem a celebração de um acontecimento tão longamente esperado, tão justo, por motivos religiosos acrescidos por um brio político que me parece ter toda a razão de ser. Fala-se hoje tanto de cidadania... Quantos Cidadãos da envergadura do Condestável do Reino em tempos difíceis de reafirmação nacional, pode contar a nossa História de quase 900 anos?

Igreja e Sociedade Civil têm neste acontecimento razões de regozijo que não são de silenciar. Deus queira que tenha havido uma

presença do Povo português que o dignifique.

• PARA NÓS, Família da Obra da Rua, há um segundo motivo de particular alegria: a canonização de Joana Jugan, a Fundadora as Irmãzinhas dos Pobres. Todos sabem como a Caridade em acto, nascida e sustentada da total confiança na Providência Divina que a torna possível e a demonstra a mais segura e estável das certezas, foram fundamento que irmanou os dois Fundadores: Santa Joana e Pai Américo. Quantas páginas linda ele escreveu sobre Ela e as suas discípulas!

Também neste dia é glorificada esta Mulher, heróica no que fez e ainda mais heróica pelo que aceitou não lhe deixarem fazer — mas foi feito porque o Obreiro é Deus e a Ele ninguém pode estorvá-lo! É para nós um dia de comunhão fraternalíssima com as Irmãzinhas dos Pobres, como será a delas quando chegar tal dia de Pai Américo. □



SETÚBAL — Na vigília pascal, o Luís, o Hildeberto, o Diogo e a Danilson foram batizados.

LAR DO PORTO

Olga e Valdemar

Neste mundo em que estamos, parece que o homem se afasta cada vez mais de Deus. Estando sem Ele, encontra o caminho da solidão, o caminho da fome, o da bestialidade, que por sua vez o leva ao caminho de deixar de amar a Deus, para adorar a criatura. Hoje o ser humano quase não pára, para se deixar iluminar e guiar interiormente pelos caminhos da humildade que conduz a Cristo. Fala-se muito em choque tecnológico! Onde nos está a levar esse choque. Nunca se assistiu a tanta bestialidade levada a cabo pelo ser humano! Todos os dias vemos e ouvimos coisas que nos levam a perguntar: Onde estão os filhos de Deus, cuja imagem nos foi dada por Cristo? Parece que o tal choque nos leva mais a pensar em lucros, sejam eles alcançados de maneira legal ou ilegal, do que olhar para os cada vez mais desempregados deste País, para os cada vez mais doentes sem hospitais, para os cada vez mais miseráveis que nem sequer têm com que mitigar a fome. Cada vez mais se olha para as luzes potentes, luzes exteriores que nos levam cada vez menos a olharmos para o nosso interior, por isso cada vez menos humildade. E é esta humildade que nos leva a Cristo. Há séculos que Ele está na Cruz, a olhar para nós, a indicar-nos o caminho, é aquela humildade. Mas o ser humano continua a querer construir o paraíso na terra, sem dar conta que, em vez disso, e com ou sem orgulho, constrói uma cruz, mas, esta, cada vez mais negra e pesada do que aquela que Cristo carregou. O ser humano deixou de pedir a Cristo para pedir muito à terra, a sua filosofia de desespero, a embriaguez das drogas e do álcool. Quando chegará o tempo de olharmos mais para o nosso interior?

Há muito tempo que não damos notícias dos nossos amigos que, conforme vamos podendo, visitamos. A nossa avózinha, de 91 anos, depois de tanto sofrer, o Senhor chamou-a. A filha foi olhando por ela conforme podia, com muitas queixas da vida dela. Pois tinha que olhar pela mãe, agora por uma neta que a filha mais nova lhe arranhou e cujo pai está na cadeia. Os filhos que andavam por lá, regressaram de mãos vazias e com vícios. O homem dela, uns dias trabalha e outros não. Neste momento, esta mulher, está a pagar três rendas de casa: A dela, do filho e da filha, cujo companheiro continua na cadeia. Enquanto a mãe foi viva, os subsídios ainda ajudavam, agora não sabemos como vai ser. Confiados de que a vida de Deus em nós é amor, confiamos no Mistério desse Amor. Deixemo-nos de ilusões e de choques tecnológicos. Empreguemos cada vez mais as armas do Amor. Olhemos mais para a Cruz da Humildade. Uma das nossas armas para nos elevarmos, é a privação voluntária. A primeira exigência de toda a nossa vida, vivida no Amor.

A nossa viúva, cujo filho é deficiente, continua a carregar com a cruz; o filho, já com mais de trinta anos, continua na escolinha, vai de manhã e regressa à noite a casa onde a mãe o espera. Parece ter problemas para pagar a escola, mas lá os vai ultrapassando.

Que Pai Américo peça ao Senhor por todos nós.

O nosso endereço: Conferência de S. Francisco de Assis
Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. □



PAÇO DE SOUSA — Momento de convívio dos nossos Rapazes com um grupo de jovens que nos visitou, por estes dias.

Pelas CASAS DO GAIATO

SETÚBAL

Rodrigo Rodrigues

DESPORTO — No dia 24, por volta das 7, partimos para o Porto. A equipa de futebol da nossa Casa ia jogar com a equipa da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, um jogo amigável. Fomos dormir à Casa de Férias da Azurara, onde nos esperava o nosso «Resende» com a esposa e um rapaz da Casa, o Reis, que tinham preparado uma merenda para os nossos rapazes. No dia seguinte partimos para a Casa de Paço de Sousa, onde nos esperava o sr. Padre João com os rapazes, para almoçarmos.

Às 3 horas da tarde tivemos o nosso jogo, que foi bastante interessante, em que todos os jogadores se empenharam e tiveram bom comportamento, e que terminou com o resultado de 3 igual, que todos os jogadores acharam justo. Depois da merenda regressamos a Casa, bastantes contentes com a viagem que

fizemos. Agradecemos por nos terem recebido bem, e cá ficamos à espera que venham também nos visitar.

VISITA — No dia 18 de Abril tivemos a visita dos Lions de Setúbal, que vieram passar o dia connosco. É um grupo de pessoas que já conhecemos há muito tempo, com quem sempre nos demos bem.

Estivemos reunidos no almoço no nosso refeitório, e todos nos ficamos a conhecer melhor.

Gostaram muito de nos visitar e deram-nos uma prenda que foi um cordeiro.

BENFICA — No dia 26 de Abril um grupo dos nossos rapazes foram ver o jogo do Benfica com o Marítimo ao Estádio da Luz. Foi também com eles o sr. Professor Pedro que

depois lhes vai pedir um trabalho sobre a ida ao Benfica. Todos eles vieram para Casa contentes por terem ido ver o jogo e o estádio.

PAVILHÃO — O nosso pavilhão está castigado porque quando toca a sineta os rapazes querem sempre ficar lá mais tempo. É preciso que os rapazes estejam atentos quando toca e vão fazer o que têm que fazer.

RAPAZES — O Ângelo arranhou trabalho numa carpintaria. Ele está contente com o trabalho que tem. O Jaime, o «Lagarto» e o «Bebezão» ficaram desempregados e estão em Casa a ajudar no que é preciso até conseguirem um trabalho fora. O André Jorge anda nos ensaios da banda Capricho de Setúbal, e foi no dia 25 de Abril fazer o seu primeiro concerto com a Banda em Setúbal. O Luís Paulo começou a tropa no dia 20 de Abril, e diz que está a gostar bastante. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGRO-PECUÁRIA — Nas férias escolares, da Páscoa, com todos os Rapazes, estudantes, em casa, aproveitámos para fazer alguns trabalhos agrícolas urgentes. Assim, tirámos o estrume da estrumeira e foi colocado na terra dos grilos. Esses campos foram, entretanto, lavrados e fresados. Foram, ainda, aplicados vários sacos de adubo, que ficou caro. No celeiro da batata, as caixas de semente estavam prontas a ser carregadas no atrelado. Entre 6 e 8 de Abril, enquanto o tractorista abriu os regos, três Rapazes, em cima do semeador próprio, foram colocando os tubérculos, que iam sendo cobertos com terra. Foi, em seguida, aplicado herbicida, aproveitando alguma chuva que caiu. Fez-se rotação das culturas, pois, no ano agrícola anterior, nesses campos foi semeado milho grão. Nós consumimos muita batata.

Nesses dias, outros Rapazes arranjaram os jardins, cortando as relvas, arrancaram ervas dos arruamentos e do campo de futebol, e varreram.

Na terra nova, que no ano passado levou milho, e no lameiro, os terrenos foram lavrados e colocado adubo. A 23 e 24 de Abril, semeámos milho grão, que é bem preciso. Também se deitou herbicida.

Na nossa horta, temos um lindo

faval. Temos comido boas favas. As cebolas de um talhão estão crescidas e resistiram ao frio.

ANIVERSÁRIOS — As datas dos nossos nascimentos são muito importantes. Assim, comemorámos os aniversários de vários Rapazes. O Victório, antes de vir, fez 4 anos, a 1 de Fevereiro. Nesse mês: a 3, Vítor Hugo (23 anos). Em Março: a 2, Arménio Alexandre (8 anos); a 8, Natanael (12 anos); a 14, Diogo Madeira (9 anos); a 15, Divino (5 anos); a 16, Carlos Neves (18 anos); a 30, Luís Miguel (7 anos). A todos, especialmente aos mais novos, os nossos sinceros parabéns!

PARTILHA — Na proximidade da Páscoa, vários Amigos não esqueceram esta Casa com os seus dons, que nos fazem muita falta e para ajudarem a pagar as pesadas despesas, pois todos os meses são muitas e têm entrado mais Rapazes. Quanto a bens alimentares, vieram alguns de vários pontos do País, entre outros: Miranda do Corvo, Lousã, Semide, Coimbra, Pampilhosa, Avelar, Mata Mourisca, Ferreira-a-Nova, Batalha (visita escolar, a 24 de Abril), Ermesinde, Cacém, Lisboa. Muito obrigado!

SEMANA SANTA E PÁSCOA 2009 — Estes dias são o centro do ano litúrgico. A 5 de Abril, Domingo, pelas 10.00h, fez-se a bênção dos ramos, em especial de oliveira, junto ao cruzeiro, seguida de Eucaristia. Em 8 de Abril, pelas 18.00h, houve Confissões, com os senhores Padre Saúl e Padre Rolando. Na Quinta-feira Santa, celebrámos a Missa Vespertina da Ceia do Senhor, na nossa Capela, seguida de Adoração ao Santíssimo. Em Sexta-feira Santa, foi a celebração da Paixão do Senhor. A 11 de Abril, pelas 21.30h, celebrámos a Vigília Pascal. E no Domingo de Páscoa da Ressurreição do Senhor, pelas 10.00h, participámos na Missa do dia de Páscoa. Feliz tempo pascal para os nossos Amigos!

FESTA EM COIMBRA — Os preparativos para a nossa festa-encontro, no Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra, a 9 de Maio, Sábado, pelas 15.00h, têm decorrido com entusiasmo. Foram distribuídos cartazes e prospectos, na região. Os Batatinhas andam muito contentes a ensaiar, com a Prof. Paula e a senhora D. Nazaré. Os actores, com o Prof. Paulo, e os dançarinos querem fazer boa figura. □

PAÇO DE SOUSA

25 DE ABRIL — Nada melhor celebrar, os 35 anos de liberdade com os nossos irmãos.

Recebemos com muito carinho, os gaiatos da Casa do Gaiato de Setúbal e um Amigo que veio com o nosso Padre Júlio, o Padre João, pároco da zona de Setúbal.

Os gaiatos da Casa do Gaiato de Setúbal vieram no dia 24 de Abril e pernoitaram na nossa Casa de Praia. E no dia seguinte, a seguir ao almoço, foi o jogo que ficou empatado a 3 golos. No final da tarde houve uma merenda ajantarada preparada pelas senhoras D. Guida e D. Fátima, e um rapaz. Um grande abraço para os gaiatos de Setúbal, para Sr. Padre Júlio e para o Sr. Padre João.

COMUNIDADE — No dia 2 de Maio, houve uma feira quincentista no largo do Mosteiro de Paço de Sousa, para comemorar os 20 anos da existência da Escola E. B. 2/3 de

Paço de Sousa, que alguns dos nossos rapazes frequentam. Eles também participaram na feira. Bom Ano para comunidade escolar.

Zé Reis

DESPORTO — Depois do jogo em Melgaço, fomos a Lavra jogar com os Juniores da União Desportiva Lavrense, da A. F. Porto, no novo Complexo Desportivo e no melhor relvado sintético, até hoje calcado pelos nossos Rapazes.

Chegámos a Lavra, bem-dispostos e felizes da vida! De lá saímos, com a mesma disposição, apesar do resultado não nos ter sido favorável no fim dos 90 minutos. Tratava-se apenas e só, de mais um desafio de futebol!

Um jogo disputado taco-a-taco e com muito, mas mesmo muito vento; o nosso maior adversário! O outro conseguiu marcar cinco golos e nós quatro. Três, foram obtidos pela «coqueluche» André «Espanhol»; o

quarto foi de Abílio, que apesar de tudo, parece estar um pouco mais concentrado...

Nota positiva para Rogério, que mais uma vez foi o «carrasco» do jogo, bem como Tó-Zé e «Garnisé», não querendo com isto dizer, que todos os restantes tenham estado mal. Até porque, a equipa não é composta apenas por três ou quatro elementos, mas sim, com todo este conjunto, que neste momento começa a dar provas de que é um plantel de luxo. O que é preciso é ter só um amor: O G. D. da Casa do Gaiato e mais nenhum. Este é que é o nosso. O resto, é paisagem...!

Depois de dois jogos consecutivos fora de casa, agora, foi a vez de recebermos, os Juniores do S. C. Vilar do Pinheiro, da A. F. Porto, para presentear os que gostam de ver os jogos na Casa do Gaiato. E não são assim tão

REFLECTINDO

Padre Telmo

O Povo daquela aldeia, do Douro, tinha-me pedido para lhe celebrar a santa Missa daquele Domingo, às 7h00 da manhã. Fui e celebrei. Sua irmã ofereceu-me o pequeno-almoço. No fim convidou-me a ver o seu menino de três meses de vida. Fui. Um quartinho limpinho e decorado já com brinquedos de criança. Já ela levantava o lençol do botãozinho de carne. O menino era deficiente profundo. Ela notou minha tristeza...

— Sabe, ele aumentou entre mim e meu marido mais união e mais amor pelo carinho que lhe damos!

Fiquei sem palavras... Mas logo louvei o seu grande amor pelo botão que nunca será flor.

— É a nossa alegria e sentimos que vivemos para ele!

Que meditação profunda fiz sobre os problemas da vida e a grandeza do amor.

Estava no moinho dos monjes de Cister, lá perto da aldeia de

Pitões. Bateram à porta — um homem de 40 anos de aspecto bondoso. Era o aniversário da morte de sua esposa e queria que lhe celebrasse a santa Missa.

— Mas estou sem transporte...
— *Eu venho por si e venho trazê-lo.*

Disse-lhe que sim e no dia marcado lá estava com o seu carrito. Fomos e a santa Missa foi lá na Capela da sua terra — vi nos seus olhos uma grande fé e muita esperança.

No caminho de regresso abri o coração:

— Sabe, no tempo da minha esposa era ela quem tratava dos nossos três filhos deficientes. Um deles ainda tem algum tino e trata de si, mas os outros dois são mesmo dependentes, sou eu quem trata deles...

Estremeci.
Senti-me pequenino e insignificante ao lado daquele gigante. «Sou eu quem cuido».

Quanto carinho senti por aquele homem simples e bom.

— Sabe — disse eu — sou da Obra do Padre Américo e também

temos uma casa com deficientes físicos e mentais.

Olhou para mim com mais simpatia.

Mal eu supunha que dali a dois meses iria eu tratar dos nossos doentes: Limpar-lhes o cócô, vesti-los e dar-lhes de comer...

Dois anos felizes! Compreendi então a alegria daquela mãe e o contentamento daquele pai ao tratar dos seus meninos.

E já agora — o meu amigo Dr. Taveira que foi reitor do Liceu de Malanje.

Um homem bom — amigo dos angolanos.

O número de angolanos no Liceu era sensivelmente igual ao número dos alunos portugueses.

Soube um dia, numa festa de professores: Faltou porque era o dia de passear sua menina... Que menina? Sua filhinha mais nova deficiente profunda.

Mais tarde, na intimidade, me confessou ela — a sua menina — era o elo mais profundo de toda a sua família. Pais e mais quatro irmãos, todos bem ligados a esse ele amoroso. □

DOUTRINA

Pai Américo



A inundação do dinheiro causa vítimas e faz desgraçados

TEM sido muito criticada uma afirmação em «Do que nós necessitamos», no derradeiro número d'O GAIATO. Foi quando eu declarei ser ruína para a nossa Obra um suposto donativo de mil contos. «Quê?! Então ele anda a pedir de porta em porta e rejeita dinheiro?! Quem é que o entende?!»

ORA eu tenho de me explicar para não escandalizar. Se o Mestre chamou felizes aos que se não viessem a escandalizar n'Ele, é certo que são infelizes aqueles que assim o fazem. É justamente a estes que eu desejo dar uma explicação. Dinheiro, sim. O pão-nosso-de-cada-dia, que nunca nos falte. Mas tudo quanto for acima disso, desmoraliza. Nós todos estamos fartos de ver isso mesmo na vida cotidiana das pessoas e dos acontecimentos. Há muitas pessoas físicas e morais que não produzem obra séria por via da abundância desmedida de fundos. Vivem submersos e, às vezes, acabam por morrer inundados. A inundação do dinheiro causa vítimas e desgraçados.

MAS vamos ao nosso caso. Caso concreto. Eu recebia mil contos. Sabia-se. Se os outros não apitassem, fá-lo-ia eu. Eu gosto de dizer tudo quanto recebo. Nunca aceitei o conselho do «não diga, que os outros sabem e não dão». Pois que não dêem. São em muito maior número os que se alegram ao sabê-lo. Vou pelas maiorias quando elas são boas. Pois bem. O facto tornava-se público. A primeira resposta que me chegava às mãos, era uma carta do Padre Adriano a pedir metade para a Casa de Lisboa — não lhe faltariam argumentos para fundamentar. Esta carta recebida e mal acabada de ler, vinha necessariamente uma carta do Padre Manuel, de Coimbra, a pedir uma carapuçada, com os argumentos que ele também havia de saber ir buscar à suposta dádiva dos mil. E senão, veja-se como escreve este jovem sacerdote, em carta hoje mesmo recebida: «Acabo de ler O GAIATO, e maravilhado por tudo o que por aí vai, fez-me indignar o facto de que também na Obra da Rua haja filhos da livre e filhos da escrava». Alude ao número aonde se publicava a data de coisas que nos ofereceram pelas festas do Natal, nada parecido, já se vê, com mil contos. Ora se assim o rapaz se indigna e escreve por aí fora uma carta de quatro folhas a vociferar, o que seria se nós tivéssemos a desgraça de alguém se lembrar da gente com somas que nos não são dadas! Sim. Muito havia de dizer o Padre Manuel, para arrastar uma boa maquia para a Casa de Coimbra. Por outro lado, eu. Eu também havia de querer. Eu sou leão; e tolo seria se não ficasse com a maior parte. De sorte que, o tal benefício do milhar deles, redundava mas é numa tremenda desavença. Aqui está. Eis de como eu fundamento o meu desdém, e fujo a quatro pés daquilo que todos procuram. Ao contrário, pobres como somos, vamos gemendo e andando, sim, mas as cartas aparecem na mesa. Adriano queixa-se de que não tem. Manuel vai um nadinha além das queixas: «Aqui, dívidas e mais dívidas; aí, donativos de todas as espécies!» Mas como somos todos pobres, eu vou dando como posso, eles fazem o que podem e vivemos todos em paz.

ASSIM tem de ser. Os heróis e os santos foram sempre pobres. Eu espero do meu Deus o tempo necessário e a hora precisa para fazer uma escritura e ligar a ela os meus sucessores, com uma maldição se não cumprirem. Eu quero que eles se obriguem a ter Casas e a abrir portas ao rapaz que não tenha quem pague, quem cuide, quem olhe, quem se interesse por ele. Abrir as portas somente a estes. Para outras classes, haverá outras Casas. Tudo é necessário. As nossas são para aqueles. Eles são a garantia. É absolutamente impossível que venha a faltar alguma coisa à pobreza das nossas Comunidades, havendo fidelidade à escritura — ou então Deus não existe.

Do livro *Doutrina*, 1.º vol.

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Poeira nos pés

APROXIMAVAM-SE dias maiores, para o encontro com Cristo vivo. São todos, afinal! A nossa Comunidade, de Miranda do Corvo, que tem crescido, a olhos vistos, é terra de missão. Urge lançar sementes, bem cedo, antes dos ventos adolescentes. Nos dias feriais, antes do tríduo, nada melhor do que pisar as terras, qual poeira gloriosa, e amanhar os campos em redor da rotunda Padre Américo, para esconjurar crises e alimentos artificiais. Foram dadas à criatura humana *todas as plantas com semente para que nos sirvam de alimento.*

Os solos estavam secos e disputados pelas infestantes. Era uma boa oportunidade, diga-se quaresmal, mesmo refilando, para que os filhos desta Família sejam educados, também, para gozarem a beleza da largueza cultivada e comam alguns bens com o suor dos seus rostos. Educar é muito mais do que instruir. Enquanto uns cuidavam dos tubérculos,

outros espalhavam montes de esterco. Será que o Portugal que cheira a estrume ainda tem cabimento numa economia global? As batatas ficaram escondidas nos combros, esperando dias com mais luz. Com tais trabalhos pesados, é evidente que aumentou sobremaneira a carga de roupa, na lavandaria, e o ruído na sala de jantar. Com a entrada dos *Batatinhas*, para a mesa central, então dá-se o caos, de afectos.

Foi mesmo a tocar na quinta-feira maior que a nuvem de poeira, da plautação, se desfez. Entretanto, perguntavam quando se aquecia a água, para além do horário da aurora e nocturno, pois o reservatório de gás, oneroso, não se enche com ar e vento.

Todos limpos, exteriormente, fomos convidados para o encontro alegre do perdão. Esta é uma hora grande numa Família cristã, como a nossa. Os ministros do Senhor que a celebram, entre nós, prestam um serviço eclesial inestimável.

poucos! Esta vitória vai direitinha para todos eles e em especial, para o nosso ex-guarda-redes e tantas vezes defesa-central — um polivalente — que regressou do Kosovo, e nos veio dar aquele abraço, cheio de amor e carinho: *o nosso querido Teixeira.* Sempre o mesmo!

Em relação ao jogo, começou por não ser fácil. No entanto, quando os nossos Rapazes querem, também não é fácil pará-los. Assim aconteceu. Antes do jogo, falamos sobre a importância de uma vitória. Eles não fizeram «orelhas moucas» e deram a resposta com golos de Agostinho (1),

Ricardo Sérgio (1) — que golo! —, Ilídio (2), «Bonga» (2) e Rogério (1) — uma bomba! —, contra quatro do adversário.

Dois deles, podia e devia-se ter evitado. Excesso de confiança, é um inimigo a ter em conta!

Traziam com eles algumas pessoas e todas muito simpáticas. Uma grande parte delas, nunca tinha vindo a nossa Casa. O futebol é assim! Arrasta multidões e o nosso, não foge à regra!

Quem fugiu à regra, foi o «Joaninha» — está muito importante — voltou a não estar bem, ao dese-

Com os angustiantes pedidos de acolhimento de menores, devido à instabilidade familiar e social, chegou-se ao lava-pés, deste ano, felizmente, com doze novos filhos, a maioria por baptizar. O nome é a pessoa toda. Eis os seus nomes, para que constem, nos nossos anais: Daniel Luís, Fábio, Diogo Miguel, João, Feliciano, Paulo, Arménio, Luís Miguel, Amadú, Divino, Victório e N'Goteló.

Ocuparam, por direito, tantos mochos, em redor do Altar, reservados para eles. E, na sequência, aproximaram-se do centro, espantados, com os pés na bacia, para serem lavados e enxugados com uma toalha de linho. Diariamente, são limpos com carinho materno. «*Senhor, Tu vais lavar-me os pés?*», disse Pedro a Jesus (Jo 13,6). Lavar os pés sujos era um serviço de escravos. Os olhos destas crianças sorriram e os nossos vão-se abrindo para a presença próxima do Servo, em todo o ser humano. O adágio dos Padres do deserto é seguro: *Encontraste o teu irmão, encontraste Deus.*

Não faz mal baixarmos os pés na poeira dos campos. E subirmos, se tirarmos as sandálias para os lavarmos uns aos outros. □

quitar-se ainda o jogo decorria, por não ter entrado em campo quando ele queria. Eu também não faço o que quero... e sou maior e vacinado!

No fim do jogo, fomos convidados pelo senhor José Maria, para em Junho, se realizar um jogo-convívio em Vilar do Pinheiro. «*Que tinha muito gosto em nos receber.*»

Gente como esta dá o exemplo: a derrota... seja colectiva ou individual, não pode, nem deve suprimir o convívio e o bem-estar da comunidade. O que é preciso é saber estar e respeitar para ser respeitado!

Alberto («Resende»)

MALANJE

Padre Rafael

Pedagogia activa

A Casa continua tranquila, algo que todos agradecemos. Os Rapazes vão cumprindo as suas tarefas diárias com os erros próprios duma pedagogia activa baseada no dia-a-dia. Assim temos um pouco mais de tempo para pensar, rezar e observar com mais calma o crescimento dos Rapazes.

Notícias de Luanda falam da visita do Papa, e os nossos governantes apressam-se a pintar as fachadas das casas por onde ele vai passar. Os Bispos iniciam peregrinações das suas Dioceses para mostrar ao Papa que Angola quase é um país com fortes raízes cristãs, embora muitos deles ainda creiam em feiticeiros.

Nós, aqui, perguntamo-nos se lhe darão tempo de conhecer a verdadeira Angola. A Angola dos jovens sem trabalho, das mulheres exploradas, das crianças jogadas aos predadores, dos anciãos reclusos em suas casas... ou a Angola das pessoas que partilham do pouco que têm, dos jovens

que lutam por uma reconstrução justa, das mães que trabalham nas lavras para sustentar a família, das crianças que caminham mais de cinco quilómetros para ir à escola, onde muitas vezes não aparece o professor. Eis porque muita gente, com seu humor angolano, dizem: «Depois da visita de João Paulo II se desencadeou, com mais força, a guerra, esperamos que depois desta, sigamos em paz».

Os trabalhos na Carianga continuam, as comunidades oferecem-se para nos ajudar, uma em cada dia. Somente temos que dar-lhes de comer, e com isto se sentem bem pagos. Eles sabem que a nossa Casa está para sustentar os filhos de Angola. Muitos deles são parte desses santos que estão inscritos no livro da vida, dos que nos dão, com seu trabalho, alimento e exemplo de uma fé sinceramente comprometida.

Uma vez mais avariou um dos nossos tractores, e isso quer dizer mais 450 dólares a mais do que

era suposto para o trabalho que estamos a fazer com as comunidades. Agora, vamos ter de gerir os trabalhos com apenas um tractor, até à semana que vem.

Hoje alguns dos nossos Rapazes foram ajudar umas Irmãs que têm uma padaria, que lhes custou bastante, 40.000 dólares, e a todos deixou cheios de lama, porque incluiu a limpeza dum pântano de meio metro. Eles conformaram-se com um pedaço de pão e um refresco. Mas as Irmãs deram-lhes mais 200 kwanzas, como compensação.

Assim termina mais uma semana, mas desta vez com um susto, pois no sábado um camião de gasolina voltou-se acerca de 400 metros da nossa Aldeia. Muitos dos nossos Rapazes saíram a ver o espectáculo. Os bombeiros apressaram-se a desencarcerar um dos ocupantes, pois que o condutor parecia que tinha falecido. Nós, com o buldozer, apressamo-nos a tentar levantar a cabine e a tirar o único, possível, sobrevivente. Mas quando chegámos já tinham conseguido tirá-lo e apressaram um outro camião para trasfegar o combustível. O pior de tudo isto foi que aconteceu por volta das 21 horas e já era noite. □

BENGUELA

Padre Manuel António



Quem vai ajudar estas crianças a crescer no sentido rico que a palavra tem?

ESTOU a escrever da nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Cheguei, há quatro dias, para fazer a revisão à saúde e repousar alguns dias. O Sr. Padre Carlos, com muita humildade e ousadia, dispôs-se a voar para Angola e a queimar o seu coração, por algum tempo, na Casa do Gaiato de Benguela.

Trago os meus olhos cheios de crianças. Ficam quase vazios, nesta terra de Portugal. Por isso, as saudades aumentam e o desejo de oferecer a vida por elas, até ao fim. Quando entro nos bairros, não há canto, nem caminho, sem filhos em grupos numerosos. Correm e saltam por todos os lados. Nestas ocasiões, há uma pergunta que sai espontaneamente do meu coração: Quem vai ajudar estas crianças a crescer, no sentido rico que a palavra tem? A família? Sim, a família deve estar em primeiro lugar. Contudo, quão necessário é o apoio material e humano à maioria das famílias destes filhos! O segredo do fruto deste trabalho educativo é o acompanhamento. Quem dera seja criada nas comunidades sociais uma autêntica dinâmica participativa capaz de comprometer os mais fortes com os mais fracos, de tal modo que haja um só coração e uma só alma. Uma comunidade com a força do amor fraterno. Deste modo, a multidão de crianças semi-abandonadas não chegarão ao abismo de filhos da rua.

Não foi possível escrever-vos antes, para vos dar notícias da nossa Páscoa. Partilhámos a nossa Festa com algumas centenas de filhos da família de fora. Eram pais e mães com o coração nas mãos estendidas à espera da ajuda material para celebrar a sua Páscoa. Estão tão metidos na nossa vida que não podem viver sem nós. Assim pensam e assim é, por agora. Por isso, são uma parte muito rica da cruz que levamos, com o coração, aos ombros. Mas não queremos que venham a cair na miséria, donde foram já libertados. A hora dos peitos secos e dos filhos dependurados às costas das mães, à busca da migalha do pão, vivida há vários anos, quando nos encontrámos, não voltará. Assim esperamos, com muita confiança nas vossas mãos estendidas, cheias de amor.

Sentimo-nos felizes com o eco que as nossas aflições encontram no vosso coração. As lembranças vão chegando à nossa Casa do Gaiato de Benguela, pelo correio, com toda a confiança. A última grande proposta era a necessidade do tractor para preparar as terras. Como naquele tempo, os discípulos perguntaram ao Senhor: «Onde encontraremos o dinheiro para comprar o pão para tanta gente?», também agora, com os dois pães de cada um, de acordo com a sua capacidade, é possível resolver tão grande problema. Ao nosso querido e grande amigo, de Coimbra, agradecemos a iniciativa do primeiro passo.

Tenho muito viva a presença daquela mãe, na hora da partida, mais os cinco filhos, sua única riqueza, com o rosto confiante, porque encontrou outra mãe na Casa do Gaiato. É o símbolo da maioria das mães que ficarão para sempre sepultadas no túmulo da miséria, se não houver quem retire a pedra grande da entrada do sepulcro. Eis o sinal da Ressurreição vivida nos corações ressuscitados! Vamos participar?

Quero partilhar convosco a alegria do encontro com alguns Rapazes e suas esposas, mais os seus filhos, criados na nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Um com 80 anos, outro com 74, outros ainda mais novos. São a maior riqueza que a Obra da Rua gerou, como mãe e continua a gerar. Que será dos filhos sem a mãe capaz de os criar? Que seria destes filhos e da multidão dos outros, se não tivessem a mãe, Casa do Gaiato, capaz de os criar? É um momento privilegiado para um acto de Fé e de Esperança no futuro. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Alegria de fazer o Bem não é comparável a qualquer outra!.. Ela brota com fluência irreprimível do fundo da alma, deixando atrás de si, um rasto ímpar de deleite espiritual, perceptível somente a quem ousa realizá-lo. E é tanto mais profundo quanto maior é o sacrifício exigido para praticar o mesmo Bem.

O meu telefone é um pequenino e barato aparelho oferecido, que trago, normalmente numa bolsa de couro, presa ao cinto das calças. Raramente me esqueço dele. Assim encontro-me sempre contactável.

Tocou. Atendi. Era uma assinante, de Lisboa, a perguntar se já tinha dinheiro para remir a parte da dívida da casa da Senhora que acolheu o jovem paraplégico, a quem o Património já havia pago o arranjo da cadeira eléctrica.

— Tenho algum —, respondi.

— E quanto precisa? — Tor-nou.

— Metade —, disse.

— Vou transferir para a conta do Património 15.000,00 euros.

Passadas umas duas horas repetiu o telefonema:

— Sr. Fulano, já fiz a transferência. Amanhã pode movimentar o dinheiro. Sinto uma alegria indizível!

Instintivamente ergui as mãos e dei graças a Deus que vem sempre em socorro do Pobre e saboreei, ao mesmo tempo, o alívio que iria proporcionar àqueles sofredores e o gozo de o Senhor me ter posto neste caminho.

Esta assinante subscreveu O GAIATO de seus pais e deles recebeu o amor à Obra e aos Pobres alimentando-se continuamente com a sua leitura Que mag-

nífica e frutuosa herança!.. Não lhe falta força para se desapegar do dinheiro e socorrer os padecentes, num excelente jejum quaresmal e vivo testemunho de amor ao próximo.

Logo que pude visitei o nosso paraplégico e a sua admirável aia. Não cabia em mim de contente! Com tanto dinheiro já dado a dezenas de Pobres e mais comprometido com outros, surpreendeu-me a rapidez com que conseguí os 23.000,00 euros para, no Banco, diminuir, assim, a prestação da casa, a nível alcançável às possibilidades financeiras do doente.

Fomos ao Banco. O Banco é Banco. Mesmo para resgatar dívidas, além delas, tem de se pagar o que ele entende e as protectoras leis (dele) permitem.

Também aqui o Pobre é sugado!...

Agora, não chegará a 200,00 euros a carga mensal do andar e do próprio seguro. Diminuiu para menos de metade!...

O jovem enfermo manifestava-se exuberante e comunicativo. Concentrou-se para controlar os movimentos e tirou o braço que consegue, de fora das mantas e colocando a mão ao meu alcance para que lha apertasse... e abriu, para mim, um largo e duradouro sorriso... como o de Deus!...

Os nossos olhos fixaram-se um no outro e fui-lhe explicando que o Senhor o acompanhava e sofria com ele. Que o amava e me enviara para o aliviar. Verdades fortes e seguras que, naquele momento, lhe entravam na alma, de portas escancaradas.

Confidenciou-me que, para dar folga à sua preceptora, muito cansada com os cuidados que lhe dá, esteve fora, durante um mês,

num hospital novo, de cuidados continuados, de boas instalações mas com técnicos inexperientes e muito convencidos, os quais, por teimosa persuasão de que a técnica é infalível, apesar de lhes falar da sua experiência e de como o deviam posicionar, lhe causaram duas escaras das quais estava, agora, a melhorar.

— Olha se eu lá continuava? — Observou. — Se não tinha mais para onde ir?

Mais me contou que o consertador da cadeira eléctrica lhe fez um desconto e, com ele, comprou um computador que, por persistir em estudar, lhe custou apenas 150,00 euros.

Apesar de agir apenas com alguns dedos da mão direita, no sábado passado, esteve a jogar com sete amigos, sentados no soalho do seu quarto, à volta da cama, cada um com o seu computador, o que lhe deu um prazer imenso. Faz bem aos amigos e faz bem a ele!

Um deles que tinha abandonado o estudo, quando ouviu dizer ao nosso herói que iria fazer o 12º ano, protestou-lhe: — Se tu fores, também eu vou. — O mal tem muita força, mas o Bem é mais poderoso!...

Vivo muito longe do meu amigo; senão, quem o iria catequisar, a ele e aos seus visitantes, era eu.

Não fez Jesus dos paralíticos e da sua cura um sinal autêntico da própria missão?

Por que esperamos, neste tempo tão conturbado?

A direcção postal do Património dos Pobres:

Lar do Gaiato
Trv.º Padre Américo
3000-313 Coimbra. □